

AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 246 * PREÇO 1\$00



Aqui, LISBOA!



Crónicas de África

CURRALEIRA, 1-VII-53

Sem querer enfiar ninguém com estas repetidas digressões ao reino das tocas, venho convidar os nossos leitores a um passeio até à Curraleira, para assistirmos a um espectáculo inédito: uma Missa Nova nas catacumbas.

São sete da manhã. Apesar de estarmos, desde há dias, no verão, corre uma aragem fresca. Ao dobrarmos os supostos portões da antiga quinta, damos de frente com numerosos operários que se dirigem para as suas fábricas. Seria interessante vermos o que levam na lancheira para o almoço, mas é tarde. A missa principiou.

Ao nosso lado entram também algumas pobres mulheres com sacos vazios. Andaram, desde as quatro da manhã, na «gandaia», quero dizer: a vasculhar os caixos

do lixo, antecipando-se aos «almeidas», à procura dos restos de comida e de papéis velhos que já foram vender ao farrapeiro. Dirigem-se agora ao merceiro para empregarem os magros tostões assim obtidos, em bacalhau, pão e vinho, para aquele dia, e, nada de demoras, porque os filhitos estão logo a acordar lá na barraca.

Valha-nos Deus: chegámos tarde! A *catedral* está à cunha; não podemos entrar. Temos que ficar cá fora a apanhar a aragem fria daquela manhã. Pela porta aberta podemos, mesmo daqui, de joelhos na imundície da viela, tomar parte no mistério do Calvário, ali repetido. Lá dentro, está apenas a soluçar de alegria, a velha mãe do neo-presbítero, já viúva, uma irmã do mesmo e o presbítero assistente. Na cozinha contígua, vê-se uma das Irmãzinhas do Padre Foucauld, que amanhã vai embarcar para os índios da América do Sul, com viagem paga pelo Senhor Bernardino Correia. O resto da pequenina dependência está ocupado por algumas Universitárias. Sacerdotes amigos, representantes das barracas e mais algumas pessoas que tiveram notícia da festa, ficaram também de fora.

Não faz mal: o ambiente é de Calvário—o único que diz bem com o sacrifício da Cruz. O Sacerdote interrompe algumas vezes para aparar as lágrimas; nas barracas contíguas ouvem-se gemidos de crianças a pedir pão; algumas vêm à porta nuzitas para necessidades inadiáveis; um cão faz o mesmo na pasta dum dos assistentes, passam suínos a grunhir com fome. Ambiente de presépio...

A Missa termina; todos vamos comovidamente beijar as mãos ungidas do novo Padre. E daqui convido todos os leitores do Gaiato a fazerem o mesmo, pela grande lição que ele deu ao mundo inteiro e à Igreja, quebrando uma tradição secular. Nada de arcos, de foguetes, de músicas e de barulho. Nada de jantaradas de oitenta contos!

Silêncio, lágrimas, sofrimento, pobreza, recolhimento. Foi assim o calvário; porque não há-de ser o mesmo na missa, sobretudo na primeira?

Registo esta data como já registei a do primeiro encontro com as Irmãzinhas de Jesus, nesta triste Curraleira. Não-de ficar para a história estas datas de Expansão do Evangelho do Pobre, no nosso País.

Tenho firme convicção de que o último quartel deste século, se-

Tinhamos chegado a Johannesburg, nos Serviços Aéreos da Província de Moçambique, por especial deferência do Senhor Governador; o qual foi ao ponto de nos pagar também a passagem daquela cidade a Leopoldville! Agora era tudo em frente. Júlio muito alegre; tinha deixado em Portugal e em breve tornaria a ver a sua namorada! À hora, descolou o *Constellation*. Era a sua derradeira viagem. Ia amarrar. Outras unidades de maior potência tomaram conta.

Pretória. Outras cidades. Chaminés de fábricas. Terrenos de cultura. Florestas. Cursos de água. Estradas e caminhos de ferro. Mais telhados e jardins; e finalmente o Deserto. Não tornamos a enxergar vida, até sobrevoar territórios de Angola. Seis horas mortas!

Leo a Luanda, foi vó que ficamos a dever ao Senhor Governador da Província. Parece que um e outro haviam conversado; e se não eles, os interesses das duas Províncias, conjugavam-se.

As nossas malas haviam ficado no hotel Globo e, por sorte, couberam o mesmo aposento e o mesmo preço... Não há dinheiro que pague estes favores. Pouco mais tempo estivemos, naquela cidade, do que fazê-las e marchar. Uma tarde, saudosos e enfadados, digo ao Júlio para

ir indagar se havia alguma coisa com rumo a Lisboa, e quando. Ele regressa daí a nada. Havia o paquete «Moçambique» a tantos do mês e havia um bimotor dos Transportes Aéreos no dia seguinte. Malas feitas. Contas pagas. Ansia de partir. Júlio rapa da carteira, puxa por dezoito contos, entrega na bilheteira e no dia seguinte de manhã, nós mais 7 companheiros, levantamos vô direitos a São Tomé.

O avião descreve meia dúzia de curvas na cidade, tão baixo, que me foi possível identificar ruas e casas; depois do que faz-se ao mar e foi mar até à ilha. Quatro horas. O comandante avisa a proximidade, mete pelo interior da floresta, raze um nadinha. Oh! maravilha!

Pouco mais de meio dia, e o avião tinha recebido ordem de abrir o seu ventre e deixar os passageiros. O primeiro a sair foi o então governador. Toda a gente estava. O sítio aonde íamos tomar a refeição do meio dia, era ao pé da residência do festejado, por isso foi necessário esperar e esperar até que o cortejo se pusesse em marcha. Nós eramos os últimos. Junto das grandes cifras, tudo são zeros à esquerda.

A casa aonde nos serviram, é situada num pequenino rochedo, mar à beira. Uma pintinha de asseio e de bom gosto, e tínhamos ali formosa derivante da jornada. Assim não. Assim não senhor. A gerência não dá para mais e com certeza, na ilha, não há por onde escolher. Faz pena!

No final e já a caminho do embarque, vê-se muita gente nas ruas e estas em ar de festa. Era a ocasião. Dezenas de cavaleiros tinham descido das Roças. Os nativos têm feições e vestem à maneira da Europa. As mulheres usam saias de roda, lenço e chaile traçado. Não fosse a cor e o sítio, e diríamos um dia de festa nos arredores de Coimbra.

À parte um bairro residencial de casas de tom, o mais que se vê são barracas enferrujadas. Eram 2 horas da tarde, com todos a bordo. A hospedeira verifica, fecha a porta e aí vamos nós a caminho da Costa do Ouro.

Muito importante

Os senhores queiram fazer o obséquio de esperar um nadinha e não mandar dinheiro para a futura Casa de Repouso, sem eu pedir. Poupem e guardem. A seu tempo teremos a procissão na rua.

É que eu tenho de pedir muita luz! Gaster muitas horas na pedra

PADRE ADRIANO

(Continua na página seguinte)

Uma notícia

Hoje, aqui no Gerez, quando abro o «Diário do Minho» dei com uma nota da Secretaria da Arquidiocese de Braga, onde era denunciado e reprovado o caso de Balazar. Fiquei contente. Mais vale tarde do que nunca.

Quando foi de um reparo nosso, feito em um dos derradeiros números, não faltaram cartas na volta do correio; segundo a formação das pessoas, assim eram os dizeres. Algumas traziam cheques ao portador para eu pagar a gasolina e ir ver. Um pouco mais e eu poderia, em lugar de gasolina, comprar um automóvel, de tanto dinheiro!

Já assim tinha sido quando do episódio dos cães de que os leitores se recordam. Também nessa ocasião as cartas choveram. Também me ofereceram quantos espantosos, a pedir que não tornasse a dizer mal dos cães! De sorte que, esquecidos, ao que parece, das normas austeras do Precursor e da doutrina segura de Jesus Cristo, anda hoje o povo fora da mão, devotado às criaturas em vez de ao Criador.

De entre todas que ao tempo recebemos, as equilibradas, bem feitas e também com mais cheques, foram as cartas que mais me impressionaram. Porquê? Porque lia-se a recta intenção, a boa fé — e a ausência de catecismo! No pensamento e vontade de quem escrevia, era o desejo amigo de me convencer. Pedia-se que eu fosse ver com os meus próprios olhos, apalpar, fazer perguntas. Um convite à Superstição! Ver o quê, quem e aonde, se todos os dias, no altar, eu vejo?..

Ora a gente não está livre de mais balazares, dada a falta de instrução religiosa, mas a tendência das multidões para o indefinido: a dúvida, o medo, a curiosidade, a confusão e no fim o negociozinho... Não estamos livres.

Aonde a voz cristã a dar orientação ao povo tremelhado? Aonde os mestres que ensinam a doutrina católica da Presença Real, ali mesmo à porta de cada um, na igreja da sua paróquia?

Que se levante uma coisa e outra, evitando, assim, se não totalmente, pelo menos atenuar as invasões de Atrasados.

CARTAS D'ÁFRICA



TRIBUNA
DE COIMBRA

São dos «colonos» que partiram em 5 de Junho passado e já me dão suas notícias. Oicamos o José de Carvalho, alfaiate:

«Pai Américo, estou muito contente com o senhor Cruz, pois não nos falta com nada desde que desembarcamos. Estamos a comer na Pensão até que arranjenos casa, pois as condições são muito boas e o senhor Cruz é uma pessoa muito boa, que trata os seus empregados como se fossem família.

Pai Américo, a minha mulher também ficou na casa a trabalhar na costura, ou seja, ajudar-me na alfaiataria. Não sei como lhe hei-de pagar todo este bem que encontrei, mas Deus é o único que lhe dará a recompensa.

Com isto não o maço mais e mais uma vez agradeço todo este bem em que me encontro.»

Primeiramente o patrão dele, senhor J. J. da Cruz, do Xai-Xai, que me deu os olhos da cara quando por ali passei. Ele trata os seus empregados como se fossem família.

Segundo, as novas condições de vida do casal. Em Coimbra ela, solteira, ganhava alguns dias por semana a 16 escudos e ele, também alguns dias por semana, a 25\$00. Hoje, ele 100\$00 e ela, não sei quanto, mas há-de ser bem mais do que os tristes 16\$00! Além de que, trabalha com o seu marido. O rapaz termina por agradecer todo este bem. Se agradece, reconhece. Reconhecer é ser grato. Grato é ser feliz. Bendito seja Deus nas suas obras!

Agora fala o Júlio Coelho, do mesmo sítio e ao serviço do mesmo patrão:

«Tenho a dizer que fui muito bem recebido pela família Cruz. Estou muito contente pela maneira que o senhor Cruz me apresentou as condições. É tudo como aí me disse o senhor Padre Américo. Portanto vou trabalhar com gosto, porque as palavras que me deu o senhor Cruz animam um homem a trabalhar com gosto. Já tive hoje a primeira instrução de automóvel. Com isto passo a terminar. Tenho a agradecer tudo que me fez, Deus lhe pague e lhe dê muita saúde. Muitas e muitas saudades deste seu amigo que se assina.

Júlio Coelho»

Ele vai tomar conta de uma quinta, trabalhando e fazendo seus todos os frutos. É rapaz forte e sadio. Consciência delicada. Mãos duras. Foi criado no trabalho.

(Continuado da página anterior)

do altar da nossa capela! Ouvir e tornar a ouvir...!

A obra que ora nos propomos é repugnante. O mundo não está nem mostra tendências de se preparar para ela. É preciso, além do mais, um punhado de heroínas que saibam fechar os olhos aos moribundos. É preciso muita Renúncia. É preciso um verdadeiro espírito de Fé.

Ora nós temos de nos preparar. Sem estes materiais, não se começa. O dinheiro é secundário. Guardem, poupem e até breve.

Padre Américo

Conhece privações. As palavras que o senhor Cruz lhe deu, animam um homem. Por que não há-de ser nossa a terra portuguesa, aonde há Patrões que animam os recém-chegados, e estes, na palavra deles, lançam mãos ao arado?! Para melhor explicar a este novo colono as condições que o senhor Cruz lhe oferecia no Xai-Xai, levei-o à janela mais alta da Casa do Gaiato e de lá, mostrei-lhe a quinta, dizendo: supõe tu que eu te dava isto tudo para cultivares, fazendo teus os frutos, sem renda! O rapaz olha-me espantado: *ninguém faz isso*. Faz sim senhor. Ele agora sabe que sim. São estas as condições em que o Júlio trabalha.

O que eu mais aprecio na sua carta, é quando ele diz ter encontrado tudo consoante as minhas palavras: *encontrer tudo como aí me disse*.

Os pastores foram e encontraram tudo consoante os anjos haviam dito. Cristo manda os seus discípulos e eles, indo, regressam, confessando ter encontrado tudo conforme lhes fora dito. É a Verdade. Ela é por natureza consoladora. A distância. As saudades. A adaptação. Tudo isto que tanto faz doer, neste caso, sem tirar a dor, dá-lhe coragem: *é tudo como aí me disse!*

Ao António Leitão, outro colono que ficou no Lobito, predisse eu certas dificuldades, enquanto o animei a aceitá-las. Nada lhe escondi. Eis como ele fala:

«Cheguei bem e já estou a trabalhar no porto do Lobito, mas primeiro que eles compreendessem que vinha para lá trabalhar, foi um caso sério, fartei-me de dar voltas. A cidade é bonita e o clima agora é fresco, só o que é pior é a vida que está muito cara. Nas pensões pedem mil escudos sem vinho, lavagem de roupa, também pedem muito dinheiro, pelas rendas de casa, e o mais barato que vi são 1.500\$00. Tenho que ver se consigo arranjar melhor, mas as casas boas têm pessoal e torna-se difícil. Não perdi ainda a esperança de arranjar. Eu cá vou lutando à espera de dias melhores. O que me preocupa mais é a família que não posso ainda mandar vir.

Sr. Padre Américo queria lhe pedir um favor; se tiver conhecimento de alguma coisa que aqui seja melhor não se esqueça de mim.

Cumprimentos deste seu muito amigo que não o esquece e que vai lutando à espera de dias melhores.

Há uma casa boa aqui, que é a Casa Americana, mas para isso é preciso um bom pedido e eu ainda não tenho conhecimentos. Pode ser que o sr. Padre Américo consiga alguma coisa.

Peço desculpa de lhe fazer este pedido.

Tonió»

Estes são os fortes que amanhã chamam outros da sua terra natal; e assim se estabelece uma corrente de aptos, prontos a valorizar a nossa terra d'além. Eu cá fico esperando que este do Lobito chame outro mecânico. E que o Júlio do Xai-Xai chame outro ou mais camponeses. E que o José de Carvalho faça ir outro alfaiate. E que da Zambézia os que ali estão chamem por outros.

O fogo do «Património dos Pobres» continua cada vez mais vivo e ateado. Estão já a subir quatro casas no alto da Conchada em Coimbra. Ao lado destas sobem também seis para operários pobres. Outro modo de justiça.

Há dias pedi ao Senhor Engenheiro, que voluntariamente se comprometeu pela organização, que procurasse tirar de lá toda a

imundície que está junto ao coração dos terrenos e resolvemos logo construir oito retretes com chuveiros. Por ali não há fossas nem esgotos. Os senhores da Misericórdia limitam-se a explorar os terrenos e seus ocupantes. Misericórdia temos nós de fazer. Vamos construir uma fossa e oito retretes com chuveiros. Muitos e muitos se têm incendiado. Ora lede: «Tendo vivido 14 anos nessa encantadora cidade de Coimbra que considero minha terra de adopção, pois foi lá na gloriosa Universidade que tirei o curso que possuo, não fiquei indiferente a esse movimento do «Património dos Pobres». Juntei essas seis placas de 10\$00 com intenção muito diferente... servir a minha vaidade, sei lá? Mas, pensando bem, ou antes, melhor, eu, que graças a Deus tenho a minha casa em relativo conforto, que tenho tido o pão nosso de cada dia, não seria uma ingratidão para com Aquele que tudo isto me tem dado, utilizar essas migalhas em benefício próprio, quando há tantos infelizes sem um tecto que os cubra?»

Uma antiga estudante de Coimbra que é agora mãe»

Meditemos todos nestas verdades pregadas por uma mãe que por todos os títulos é Doutora.

Primeiro a gratidão e o amor à terra e Universidade que lhe deu luz. Depois a ponderação do fim das nossas acções. Juntou talvez para satisfazer a sua vaidade, mas pensou e viu que os Pobres são bem a imagem d'Aquele que tudo nos dá e por isso seria ingratidão para com Ele.

Estamos na época em que por esse Portugal fora se vai esbanjar, talvez desonestamente, tanto dinheiro, tanto suor e tanto sacrifício. São termas e praias e casinos e bailes e modas e luxos. É a cegueira dos tempos. Se pensarmos todos em que há tantos infelizes sem um tecto que os cubra?

E a maior parte das vezes cafados numa miséria imerecida? Se pensarmos nisto, não cairíamos na ingratidão para com Aquele que tudo nos dá.

Uma senhora que escutou esta outrina na Sé Nova veio entregar mil; e um senhor do mesmo modo vai dar um camião de blocos; e outra deixou cinquenta no Castelo dos Arcos para um prego.

Ontem vieram ter comigo as senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo de Condeixa a dar a radiante notícia que a Câmara dá terreno e vão construir já quatro. E vão pedir às fábricas de telha e tejo; e serrações e aos particulares; e vão pôr mealheiros nos cafés e estabelecimentos. Vão lançar o fogo em muitos sítios. Que os senhores de Condeixa se deixem todos incendiar, porque este fogo é um fogo de vida e não de morte. Também em Cantanhede já há terreno. Dá para vinte casas com seu quintal. Eu acredito que vinte famílias vão ter ali abrigo em pouco tempo. Há lá muita gente com a alma grande!

Na Lousã tem demorado mais. São os terrenos. Quem os tem, não os quer dar. Ainda só deram terreno para uma casa e o pároco tem dinheiro para mais. Ora vamos lá ver se os senhores lousanenses se resolvem. Estou certo que sim. Há ali boa gentel...

PADRE HORÁCIO

Ainda o rescaldo

Rescaldo do incêndio produzido em África, no coração dos seus habitantes. É o coração que arde. Não sentias o coração a arder enquanto Ele nos falava? *diziam-se os dois de Emaús, quando o Mestre lhes aparece, ressuscitado. Faz agora precisamente um ano que por ali passamos e como é verdade que, da Província de Angola, só tivemos ocasião de conhecer Luanda, os povos de outros distritos, têm dito e continuam a dizer que nos conhecem a nós. Assim é que hoje vem o Concelho do Libolo. A carta é datada de Calulo e assinada por Queimado Pinto, Administrador. A relação dos Subscritores é eloquentíssima. É quase um cento de nomes, alguns estrangeiros. No final da lista, vem a nota de que o agricultor Alvaro da Cruz Pacheco declarou desejar oferecer uma casa, mas na ocasião não fez entrega dos 12 mil angolares. Vem depois.*

Aos daquelas terras que são assinantes, rogamos o favor de dar conhecimento desta notícia. E vamos prás mil, sim senhor.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

A abrir temos 50\$00 de alguém que se intitula Zero. De Buarcos, na Figueira da Foz, 10\$00. Uma pecadora, atravessando um período de grande aflicção, manda 100\$00; assim que puder envia outros tantos. Porto com 10\$00. Da Terceira, o assinante 9978, 100\$00 e tem pena de não poder mandar mais nesta ocasião. As habituais cotas do Bêbé n.º 3; liquida Julho e Agosto com 20\$00. Mais cinquenta escudos de algures. Um anónimo entregou no Depósito à Rua dos Clérigos 54, 50\$00. Mais Porto com 10\$00. Da Rua Alves Torgo, de Lisboa, recebemos 140\$00. E por fim vinte escudos com pena de que não possa enviar maior quantia mas, como professora primária e doente, não posso por agora enviar mais.

Júlio Mendes

PAZ

Chegaram os tempos. A história repete-se. Os homens são os mesmos, conquanto nenhum seja igual. Isto vem para dizer que há deles, hoje, solícitos e apostados a derrubar.

Assim houve deles, ontem, noutras. Ora isto é impossível. Porquê? Por causa dos fundamentos da Obra da Rua. A rocha! Paz!

Toda a árvore se conhece pelos seus frutos. Não pode haver árvore boa que dê maus frutos, nem a árvore má os pode jamais produzir bons. Isto é do Evangelho. Os mortais não podem ir contra o que Jesus ensina; e em última análise, eles só chegam até onde Deus permite e enquanto isso for um Bem para a obra atingida. Paz!

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Os párocos de Tomar e de Fontelas, quiseram a presença de um *padre da rua* na inauguração de casas, que teve lugar no dia 19 de Julho. Gostamos muito que nos chamem e só porque somos poucos é que nem sempre podemos ir. As casas de Tomar ficam à beira da estrada, em terreno cedido por uma senhora Tomarense, residente em Lisboa. Fê-lo em memória do seu defunto marido. As de Fontelas, são no interior, perto das Caldas de Moledo, aonde os hospedes podem facilmente deslocar-se para ver como se cumprem os Mandamentos; e cumprir... Também os hospedes de S. Vicente e En-



Um formoso bloco aonde hoje moram 4 famílias. É em Guimarães, freguesia de Urgeses. Guimarães duas vezes berço; da Nação e do Património! Estas são as primeiras ali.

tre-os-Rios, como são muitas as horas vagas, podem ir ver as delás que se endontram na freguesia de Gandra, ali perto. É o Mandamento Novo em acção. Os felizes habitantes, pregam-no.

De Tomar não sei, mas a notícia de Fontelas, diz que devem estar presentes as autoridades civis e eclesiásticas. Vila Real é o distrito. Diocese, não sei se aquela, se Lamego. O senhor Bispo de Lamego, em visita pastoral a uma Sua freguesia, resolveu mandar construir duas casas de *Património dos Pobres*, com o rendimento das festas anuais de Santa Eufémia, aonde os devotos da redondeza deixam os seus votos. As duas casas ficam perto do Santuário. Com uma grande chave abriu o senhor D. João Campos Neves uma grande porta. É o Mandamento Novo.

Conheço um sacerdote que está operando o incrível no meio do seu povo; um aglomerado de 70 casebres. É no altar que ele faz o milagre. O povo escuta-o. Tudo o ajuda. É pobre. É doente. Eis...

Tem levado aquela gente ao mútuo auxílio e desta sorte, com pequenos subsídios que ele distribue para os materiais, todos, entre si, dão trabalho, boa vontade, entusiasmo, convicção. As casas são reconstruídas, algumas acrescentadas, e todas ficam na posse dos seus donos. Já não é o pardieiro. Já não há estreiteza de lugar. Quantos amargos e remorsos ora aliviados, por pecados antes cometidos?! Que alegria não há-de viver por isso mesmo este sacerdote, enquanto se aflige e tira pecados do mundo! O pecado é uma dor. O pecado é um aguilhão. Todo o homem normal sente em sua alma uma coisa e outra e se aparece outro que o ajude a libertar-se, esse é um amigo. Ora o *Património dos Pobres*, pela mão de quem o vai realizando, além do mais e principalmente por isso, é uma Obra de redenção.

EU NO GEREZ

Mas antes de me retirar, pedi ao Padre Adriano para tomar conta da navegação; tendo ele confiado ao engenheiro Galamba a casa do Tojal. É difícil governar esta sorte de barcos, aonde as tempestades são muitas e os passageiros não estão quietos.

Tomamos o carro em direcção a Leça, aonde já funciona a colónia dos nossos que precisam e dali, seguimos na estrada da Póvoa por Barcelos e Braga, até darmos no Gerez.

O meu quarto é o 64 do Universal. Todos os anos se fala aqui no plano da urbanização, aonde e quando tudo será em grande estilo; porém, como a aguinha não perde a virtude de cura (*aegri surgunt sani*) a presença dos hospedes está por isso garantida.

Muita gente. Hoteis. Pensões. Vivendas. Tudo. Eu fiz uma regra. Afastei-me de tudo e de todos, sendo a maior ausência no parque do hotel Parque, para onde me desloco ao meio dia e regresso às 5. São cinco horas de solidão com passarinhos a cantar e fios d'água a correr. Admiro-me que ninguém mais aprecie. Todos escolhem as portas de seus hotéis, em grupos, a ver o trânsito e a conversar. É o cozido à portuguesa, com todos. Um soalheirinho distinto. Calças, este ano, ainda não vi; só

os homens. Mas isso não merece reparo.

Desde o dia em que cheguei, tenho sido mealheiro. Um grande mealheiro. Aproximam-se e dão sem nada dizer. Admirável! Como se isto fora pouco, um senhor levanta-se, forma comissões e vão todos pelos hotéis e pensões e outros sítios aonde há gente congregada. Resultado: muito dinheiro. Deus é admirável nas suas obras! E tudo isto é fruto da simplicidade das coisas. Tudo realidades que não aparecem. Eu sou o ramo e nada mais. O vinho é lá dentro, muito no âmago; são os Pobres a colher a vida nova dentro de suas novas casas. Eis.

Cuidava eu que já, mas não. Os campos da veiga de Vilar, ainda se não encontram inundados. A senhora Rosinha, ervanária, enquanto me oferece um braçado de ervas da serra e garante o seu poder, vai-me explicando, a seu modo e palavras suas, o que pensa daqueles trabalhos. São mais de 4 freguesias. É muita gente que fica sem as suas terras. Uns apelam e ganham, mas tornam a perder. As obras da Caniçada. As obras do Rio Caldo. Os desastres no trabalho, aonde gente perde a vida. E depois de dizer com o ramo d'erva no braço, a senhora Rosinha do Gerez, como que a resumir tudo, acaba—*aquilo é uma grande mastigada*.

É sim, mas depois de engulido é força e luz. Nós precisamos de toda aquela *mastigada*, para dar uma resposta às chamadas da vida actual. O progresso. Dizem que na barragem do Rabagão, foi preciso retirar um velho, pronto e disposto a ir para o fundo com a casa aonde nasceu! Se os outros não levam tão alto a saudade do passado, o certo é que todos choram e o que recebem não compensa nem recompensa. É o progresso!

As vezes aparece em Paço de Sousa um vendedor de máquinas para descascar batatas e máquinas para lavar pratos e máquinas automáticas para a tipografia. Eu oiço e mando embora. Eu quero braços; muitos braços e trabalhos. O tempo não é o nosso problema. O ocupar muita gente e muitas horas, isso sim. De resto, vistas as coisas à luz do sol, a Máquina tem enriquecido meia dúzia e empobrecido multidões.

Isto vim eu ruminando do sítio aonde falei com a senhora Rosinha até ao Hotel e tudo a propósito daquela grande mastigada.

UMA COMUNICAÇÃO

A *Obra da Rua* solicitou a isenção de impostos de uns terrenos a ela cedidos pela Ex.^{ma} Câmara do Porto, com o fim de construir casas para pobres, segundo a doutrina dos estatutos do *Património dos Pobres*. Hoje temos notícia que o Ministério das Finanças, pelo Ex.^{mo} Subsecretário de Estado do Orçamento, em despacho de 11 de Julho deste ano, *concorda e autorisa*. Desta sorte, ficam avisados os Párocos que já estão ou venham a trabalhar na Obra; e assim vão-se embora as dúvidas e entramos na uniformidade.



O povo de Barbacena não vai à missa, mas à inauguração foi. E quando a esta se seguirem outras e outras, vão todos. Porque? Cristianizar é amar.

Sabemos que Braga vai entregar um lote de dez casas em Outubro próximo; que o pároco da freguesia de Barbacena, Alentejo, retirou uma família de doze de ao pé dos animais e hoje vivem como quem são. A casa ficou por 15 contos e ele vai continuar. Nós também esperamos entregar brevemente mais 3 delas em Galegos, 3 delas em Gandra, 3 delas em Paço de Sousa, 2 em Parada, 1 em Lagares e 2 em Valpedre. Os vicentinos de Oldrões falam em começar. Valpedre, é o pároco e o povo. Oldrões promete ser o mesmo. Louredo da Serra tem uma casa em andamento.

O pároco de Urgeses, inaugurou 4 casas. O de Esporões, ali perto, também quer.

PROPAGAI

«O Gaiato»



A primeira casa do Alentejo! É em Barbacena. Era tal a barraca onde esta família vegetava, que o fotógrafo a viu no chão, quando ali chegou. Que limpeza! A primeira casa: O Alentejo! O repanhos. O varas! O manadas! O cortiça! O tudo. Até quando...?

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Estava hoje de manhã no meu escritório, quando me aparece o Fernando Marques. O Fernando é o Piolho. Se aqui não tem sido falado, é que ele volta e meia sai e depois regressa; senão continuaria a dar matéria para esta coluna. Daqui foi para o Lar de S. João da Madeira, de onde transitou para o do Porto por não poder, segundo ele, aturar o chefe. Instala-se. Procura e arranja trabalho. Tudo ia muito bem, mas o chefe do Porto não é melhor do que o outro e Piolho resolve viver por sua conta. Ganhos poucos. Despesas certas. A pensão não fia. O mundo castiga e aí vem Piolho pedir arroz... Sim senhor. Nós somos a porta aberta. Piolho entrou.

Os nossos chefes são duros. Alguns são mesmo muito duros. Uma vez em casa, Piolho é chamado e fê-lhe dito que as coisas continuavam como dantes e as horas tinham de ser respeitadas... O rapaz aceita e promete e tem cumprido.

Porém, chegou a noite de S. João... Houve licença para todos irem à noitada com horas de recolher. Todos vieram menos um... Zé Poveiro, delegado do chefe, dá pela falta e fica à porta.

Meia hora depois Piolho bate. Zé Poveiro disse-lhe que não. O irrequieto pede agasalho a um amigo e no primeiro combóio parte para Cete. Foi assim que, sentado na minha cadeira, olho e dou com o Piolho.

Apenas o vejo logo disse que havia coisa. Não era domingo. Ele estava ali fora do tempo e do lugar. O rapaz soluça. Quer dizer e não pode. Eu espero. Ele continua a soluçar. Sem dizer o que tinha feito, Piolho, muito amargurado, diz: eu não o quero chatiar. Eu tenho pena de o chatiar; e com isto me indicou ter feito mais alguma digna de castigo. Estamos os dois no escritório. Piolho assoma à janela e olha para a quinta. Mais lágrimas. Mais soluços. Eu faço tudo quanto posso, mas às vezes não sei que me dá na cabeça... O tempo andava. Pergunto-lhe se está em jejum; peço que me diga concretamente como as coisas se passaram e foi por ele que as soube tal qual acima se dizem; tendo fechado o nosso colóquio familiarmente. Não me chateies a mim que eu não te chateio a ti e tudo há de correr bem.

Fernando Marques é um caso muito especial. Tem qualidades. Tem grandes dotes. É sério. Tenho na minha mão provas disso. Fernando Marques há-de marcar uma posição no meio em que vive. Tudo isto se há-de realizar, sim, mas com tempo. É preciso muita paciência da nossa parte. É preciso ter coragem de esperar. Ele é serôdio. Vem tarde, mas vem.

*** Estava eu ocupado com a chegada do correio, quando Pombinha entra pela porta do escritório, impetuosamente. — dê-me o Mundo de Aventuras. Sem atender, continuo a abrir cartas com uma lâmina de marfim, que me deram os nossos da Zambézia. Pombinha volta à carga. Quer o Mundo de Aventuras; e aponta: ó. Foi então que eu compreendi. O Mundo de Aventuras é um dos muitos jornais que fazem as horas doces da nossa gente. Ele retira de sobre a mesa e parte, contente, para as suas aventuras.

*** O Troça apareceu com a face cheia de pintas de sangue. Foi uma esgadanhadela, informa, quando lhe perguntei.

Fomos a contas e soube que o Papagaio fora o autor. À noite houve tribunal. Salientou-se que as unhas são instrumentos cortantes. O seu uso nestes casos, pode ser um mau sinal. O ofensor teve de pedir desculpa ao ofendido. E mais nada.

*** Vejo-me aqui perdido com passarinhos. Eles caem de seus ninhos. Os mais pequenos apanham-nos e a quem é que os vão mostrar, nervosamente, — a quem? A quem lhes dá o pão!

Agora

A abrir, vai uma casa e mais 500\$ para a placa Casa de S. José. Foi uma mãe que perdeu seu filho e este chamava-se José e ela, a Mãe, pretende curar com mel a ferida que o seu José lhe fez! Alivia a sua dor na prática de um bem concreto. Já não é agulhão. Já não é veneno. É uma doce conformação com a vontade de Deus! Ora arrumem-se e deixem passar este monumento de amor maternal.

Outra arrumadela que Angola vai passar; é a Empresa Longa Agrícola de Libolo com uma casa. Os Administradores de toda a Província prometeram e estão cumprindo; cada Circunscrição sua casa. Noutro dia chegaram 5 delas. Aquelas prestações de mil escudos deixadas no «Depósito», como é costume todos os meses, vão aqui, silenciosos. E agora muita atenção:

«De passagem para Leixões pela linha de cintura entre o apiadouro Ponte do Carro e a estação de Leixões, existe mesmo à beira da linha duas «luras» feitas no monte nas quais habita gente. Uma quase à beira da outra!!

Quem é não sei. Fiquei tão impressionada, que o meu pensamento durante dias e mesmo agora vai àquela pobre gente. Vivem como os coelhos!

Eu só queria ter para poder dar.»

Isto diz aqui muito bem. Presta um grande serviço à causa do Património. Se não dá, prova a urgência e impele outros a dar. Coimbra vai com uma telha de 20\$. Uma Serrana leva outro tanto. Outra vez Coimbra com um prego de 25\$. Uma Funcionária da Câmara do Porto, não quer ficar atrás da própria *Domus* e vai aqui com mil escudos da sua primeira palavra, por uma casa das que se vão construir nos terrenos doados. É a Câmara, são os funcionários, os munícipes, — todos, tudo. A Maria Almeida leva 50\$.

De como o Zé Eduardo me acaça

«P. S. — Precisa de "alguma coisinha". Nos exames é costume dar-se qualquer coisa aos contínuos das nossas salas. Com o meu mingado ordenado não posso fazer extravagâncias. Tenha dó...»

LAR DO PORTO CONFERENCIA DOS PEQUENOS

Caros leitores: — Se pudessem apreciar o gosto e entusiasmo que temos para que a nossa Conferência continue em boas condições, quer no aspecto de organização, quer no financeiro, ficariéis de certo admirados. É que todos trabalham no seu jeito peculiar, para o seu engrandecimento e se consiga num curto espaço de tempo, organizá-la convenientemente, para socorrermos um maior número de pobres. Por isso vos vimos dar notícias de como o pobre vive, sofre e necessita.

Na forma do costume temos visitado os nossos pobres e retiramos com a certeza que eles são hoje, os mártires do nosso tempo. A maneira como vive e como sofre, são para nós motivos justificados.

Aquela pobre mãe e os filhos, que não têm outra roupa para vestir a não ser a que trazem no corpo, que para a lavarem, é preciso ficarem nus, enquanto o homem, embrenhado num sobretudo velho, faz o comer, são o motivo justificado do quanto o pobre sofre, padece e precisa. Aquela outra velhinha que dorme no chão sobre uma serapilheira, indica-nos que tão grande é o seu sofrimento. O outro que vai para a rua, se não pagar ao senhorio, diz-nos da miséria e do quanto necessita!

Cada pobre é uma história, um sofrimento. Como ele é desprezadol e são os pobres, os humildes, quem muitas vezes socorrem os seus irmãos, repartindo com eles a sua sopa, ou dando-lhes guarida em sua casa. O mundo está partido pelo meio. Dum lado, um grupo numeroso que tudo podia fazer e nada faz nem quer saber; do outro, outro grupo numeroso que nada pode fazer mas que tudo tem feito e faz. O rico e o pobre! Tinha-mos muito que dizer, mas a nossa maior tristeza, reside no facto de nem sempre lhes podemos acudir. Já demos recua num total de 25 peças, ao caso do primeiro pobre. Já acudimos aquele outro em não ir para a rua, pois falamos com o senhorio e ele perdoou parte dos meses que devia. Já acudimos à velhinha, dando um colchão. Falta a cama; que a havemos de pedir, talvez ao Farrapeiro de S. Vicente de Paulo. Mas há muitos pedidos e muitas necessidades que têm ficado em branco. Não temos meios por onde lhes acudir. São 17 o número dos nossos protegidos, aos quais damos 10\$00 semanais, fora rendas de casa que pagamos todos os meses, num total de 200\$00. Os donativos têm escasseado. Temos apenas dinheiro que mal chega para se pagar um mês à mercearia. Mas nós esperamos e confiamos, que aqueles que têm estado sempre junto de nós, farão mais um sacrifíciozinho a juntar a tantos outros, e nos acudirão na hora oportuna. Já assim tem acontecido várias vezes. Semana que não haja dinheiro para se dar esmola ao pobre, eis que um benfeitor envia um donativo tirando-nos a preocupação da esmola daquela semana. Por isso confiamos e esperamos.

FERNANDO GUEDES

PAÇO DE SOUSA Nós agora depois do terço, como ainda é dia, temos tido umas lçõezinhas de doutrina.

Há dias calhou falar da Bíblia, aonde fomos até ao ponto de se perguntar qual foi o primeiro Rei dos Judeus. Mantev-se silêncio por momentos e ninguém soube responder.

Nisto levanta-se o Hélio, todo inchado, como quem diz: deixai estar que vos vou deixar icar mal a todos e sai-se com esta: foi o Sr. Dr. Ted-filo Braga...

Foi tir até às lágrimas e concerteza o amigo leitor também se riu...

— Nas horas de ócio, os rapazes maiores desta comunidade, têm-se ocupado a partir o cascalho para o nosso rink de patinagem.

Estamos com ideias que aquilo vai acabar depressa e se os senhores tiverem por aí algum par de patins enferrujado, nós tratamos deles. Está bem?

— Como estamos agora na época do calor, temos ido todos os domingos tomar banho no Rio Sousa, que fica a dois passos da nossa Aldeia. Para não haver estragos nos campos das margens, temos ido por casas.

— Meus amigos, o autor destas pequenas linhas vai dedicar-se à Filatelia e por isso apela para os senhores que possam dispor de alguns selos esquecidos, o lembrarem.

— Agora já cá anda outra nova modalidade, as muletas.

Aos domingos já não se fala noutra coisa, que não seja respeitante a muletas.

No nosso campo de futebol têm-se feito corridas... e muito interessantes. O campeão é sempre o Cobra. Corre mesmo com um às cavaleiras.

— Na passada semana, fizeram exame da 3.ª classe, mais vinte e seis dos nossos irmãos, que se portaram muito bem e ficaram aprovados.

— Já se fala na vinda do Futebol Clube do Porto à nossa Aldeia no próximo mês de Agosto.

O ano passado, foi uma enorme festa, mas parece-me que este ano ainda vai ser maior...

Se cá viesse o (melhor do mundo) Sporting, isso é que havia de ser, pois nós somos a

passar de cinquenta por cento de sportinguistas e todos de antes quebrar que torcer.

— O Sporting Clube da Tipografia agora não tem estado em actividade. É o calor... e mesmo, ainda não temos a bola que aqui há tempos pedimo...

Se o (melhor do mundo) Sporting, nos enviasse uma velha, desde já agradecemos.

— Ainda restam alguns volumes do nosso «Barredo», que não foram pedidos; por isso avisamos os nossos amigos a requisitarem o mais depressa possível, pois caso contrário privar-se-ão de adquirir um grande guia da Verdade, do Bem e do Amor. Vamos a istoll!

— Presado amigo, nunca a nossa Conferência presisou tanto da tua ajuda, pois está em déficit e é preciso admitir mais pobres.

Mais uma vez confiamos nos nossos amigos, que mais uma vez vão pôr à prova o amor pelos Pobres.

— O Zé Lemos fez o seu axame da 4.ª, ficou aprovado... mas ia caçando a raposa.

Dos outros que ainda não fizeram exame faremos referência no próximo número.

Daniel Borges da Silva

Do que nós necessitamos

Sim. Celebrei por Maria Marques. Do «Depósito», retiramos vários carregamentos. Só visto! Mais 100\$ de «dois noivos», Lisboa; cumpriu-se. Mais 100\$ de Castro Daire, Lamas. Mais de Lisboa, 50\$. Mais de Moamba, África, 100\$. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ idem. Ao assinante 21.454 digo que sim. Nada se perde. Nada recebe. As Crianças das Escolas de S. Félix da Marinha, deixaram o seu mealheiro com 103\$40. Mais 300\$ do Porto para o Barredo. Mais 250\$ de Lisboa. Mais 100\$ da Beira, África. A Fábrica de Tecidos «Progressiva» L^{da}, fez uma subscrição que foi a 150\$. Mais 100\$ de Lourenço Marques. Agora e por aqui é que a gente vê que afinal de contas Portugal é em África! E mais eu não digo a ninguém as somas fabulosas que nos Bancos depositam! Sim senhor; do Gabinete do Juiz da Comarca de Huila temos recebido e recebemos agora mundos e fundos. Do Pároco de Sabugal, ouvi tudo e recebi tudo. *Oremus ad invicem, frater*. Mais 165\$ do Lobito, de um *pecador*. Mais 50\$ de Torres Novas. Mais 20\$ da Maria Vitória. Outro tanto de Tomar. Também 50\$ de uma Enfermeira de Lisboa. Mais de Gulpilhares uma tarifa de roupas. Mais 100\$ do Porto, de uma *petição*. Mais encomendas postais de meio mundo. Mais 100\$ do Porto. Outro tanto de Coimbra. O A. B. de Lisboa manda 200\$ de um *aumento de ordenado*. E Deus vai e acrescenta. Como? Como Ele quiser, — mas acrescenta. Esteve cá um grupo de Funcionários da Câmara do Porto e não foram nada pecos... Mais 50\$ de Coimbra. Sim senhor; recebi 2 alianças de ouro. Da Casa Carregosa 400\$. Uma Maria de Lisboa manda 400\$ do seu ordenado. Os da Junta Nacional da Marinha Mercante mandam 343\$. Se eles me conseguissem uma borla para qualquer porto da América, eu ia lá dos dólares, enquanto eles estão na alta... Eu nas Praças. Eu nas Igrejas. Eu nos salões. O micro. Português. Inglês. Tudo. Isso é que havia de ser!

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA